



CÍRCULOS FORMATIVOS – UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

Gabriel Torres Arrais Fernandes Campos¹(UnB)
Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva²(UnB)

GT 03 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RESUMO

O propósito deste artigo é apresentar o projeto de extensão Círculos Formativos com Professores Iniciais/Ingressantes desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos – GEPFAPe numa escola da rede pública de ensino do Distrito Federal– DF. A problemática que nos orienta trata-se de possibilidade de articular os espaços da escola e universidade como integradores para uma formação emancipadora. Assim, o artigo tem como objetivo discutir a formação inicial e continuada tendo como premissa compreender os desafios e motivações do início da carreira docente, pois envolver os professores iniciantes/ingressantes e os graduandos que trabalham e organizam os encontros, colocando-os em contato direto com a realidade profissional que almejam. A perspectiva de formação inicial e continuada desenvolvida simultaneamente refere-se a compreensão que na formação de professores há diferentes espaços formativos e a escola é um desses espaços junto com a universidade pública em que podem possibilitar a práxis na relação professores e estudantes. A partir disso, a discussão se baseará nas concepções de extensão apoiado na base teórica de Reis (1996) e na extensão como um princípio de aprendizagem em Síveres (2008). As considerações apontam que a extensão numa concepção processual orgânica tem possibilidades de colaborar com formação inicial e continuada de professores aproximando escola e universidade e colocando em pauta temáticas do trabalho docente que informa e formam professores e estudantes promovendo na unidade teoria e prática, a práxis.

Palavras-chave: Formação de Professores. Círculos Formativos. Extensão Universitária.

¹ Estudante de Pedagogia. Universidade de Brasília (UnB), arrais.gabriel@gmail.com

² Profa. Dra. Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Planejamento e Administração, katiacurado@unb.br



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo discutir a extensão universitária com base no projeto de extensão “Círculos Formativos com Professores Iniciantes/Ingressantes” do Grupo de Estudos sobre a Formação e Atuação de Professores/Pedagogos – GEPPAPE, que está sendo desenvolvido com professores, coordenadores e a direção da Escola Classe 831 de Samambaia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, compreendendo formação continuada para eles, e com alunos da graduação do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB, compreendendo formação inicial para estes, ao terem o contato com seu futuro campo profissional e ao exercitar uma escuta sensível a partir das necessidades apresentadas pelos professores e gestores da escola.

O GEPPAPE atualmente encontra-se vinculado à Faculdade de Educação – UnB, e é comprometido com o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo coordenado pelas Professoras Doutoras: Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva; Shirleide Pereira da Silva Cruz; Nathalia Cassetari; e Ana Sheila Fernandes Costa. É a partir de estudos e percepções do grupo, que surge a pesquisa sobre professores iniciantes/ingressantes que buscava entender o início da carreira docente, seus conflitos e descobertas. Os resultados da pesquisa demonstraram que a maioria dos professores que iniciam a carreira sentem-se desamparados, inseguros e com medo. Então diante desse sentimento dos docentes no início da carreira, se inicia a formulação de um projeto de extensão, no formato de círculos formativos, que tivesse um caráter duradouro e que pudesse auxiliar esses professores e ao mesmo tempo integrar os alunos que estão na graduação, pós-graduação, além de pesquisadores e professores.

As inseguranças sentidas no princípio da trajetória docente têm diversas causas objetivas/subjetivas do indivíduo, mas um dos principais fatores são as condições de trabalho relacionadas a uma formação fragmentada, já que o curso da graduação não consegue abranger a totalidade das dimensões da docência. Nesse sentido, o contato com o ambiente de trabalho futuro, é uma das formas para que o processo de inserção na docência possa ser menos conflituoso e, nesse projeto um dos formatos é por meio da extensão universitária numa concepção processual e



orgânica, que promove tanto formação inicial como continuada.

O PROJETO DE EXTENSÃO “CÍRCULOS FORMATIVOS COM PROFESSORES INICIANTE/INGRESSANTES”

O projeto de extensão foi elaborado a partir do resultado de uma pesquisa realizada pelo GEPFAPE que tinha como objetivo entender o começo da carreira resultando em desafios encarados e a falta de suporte aos professores iniciantes, que dizem não se sentirem preparados para lidar com a sala de aula,. A partir disso o projeto pretende auxiliar tais professores quanto a sua prática pedagógica, para maior valorização da profissão e deixem o pensamento de abandono da docência. Além de articular a teoria e a prática, entendendo que ambas são inseparáveis e andam juntas, quanto aos alunos que se encontram na graduação do curso de Pedagogia, entendendo que estes também serão iniciantes na profissão e precisam ter mais contato com a carreira futura, afim de que não enfrentem os mesmos desafios e se sintam mais preparados e seguros para o exercício da docência.

A proposta do projeto é que ocorram encontros quinzenais de quatro horas com os professores iniciantes, os quais serão em formato de grupo de discussão de círculos formativos assim denominado pelo grupo a partir de Santos (2008), ao entender ser a melhor forma de organização para o presente projeto, por possibilitar que todos se vejam e se sintam instigados a debater e compartilhar a problemática em vários aspectos e sentidos, pois não é objetivo do grupo que eles sejam apenas ouvintes, mas sejam sujeitos participantes de seu processo de formação continuada, numa troca de experiências e conhecimento entre universidade e escola.

Importante ressaltar que os encontros acontecem durante o horário de coordenação pedagógica coletiva dos professores a se realizar nas quartas-feiras, previstas dentro das 15 horas semanais de coordenação pedagógica, do total da carga horária de 40 horas semanais dos professores da SEEDF, a serem realizadas no turno contrário da regência, assim disposto na Portaria N° 27, de 2 de Fevereiro de 2012 da SEEDF.



Com base nas discussões entre os professores e o grupo, apoiado nas experiências vivenciadas por eles, denominado pelo grupo de concreto-abstrato, o intuito é possibilitar a eles um estudo mais aprofundado, de acordo com as demandas que apresentarem como as de maior necessidade para todos os docentes participantes. O processo ocorrerá por meio de estudos teóricos e com debates de convidados que tenham maior profundidade teórica na área, podendo ser professores da SEEDF, da UnB ou de outras instituições, alunos da graduação e pós-graduação, e convidados especialistas. Compreende-se este momento, denominado pelo grupo, como concreto-pensado: reflexão coletiva baseada nos estudos teóricos.

Esses encontros são preparados antecipadamente pelos estudantes da graduação, e pelos demais componentes do GEPFAPE, que apoiado nos anseios apresentados pelos docentes da escola, onde é aplicado o projeto, organizam cada encontro, através de grupos pequenos de trabalho e em debate no grande grupo, nos quais são elencados: os teóricos a serem apresentados; a escolha do convidado que conduzirá o momento de aprofundamento; o tempo destinado a cada atividade – programação; o que será levado para a hora do lanche; a dinâmica de quebra-gelo uma de contextualização do tema; e como articular a teoria apresentada com a prática, a práxis. A última etapa deste processo seria um momento vindouro, após o círculo formativo, que se caracteriza como um tempo de reconhecimento, no qual o professor iniciante tem a possibilidade de associar a sua atividade docente com os estudos teóricos e promover novas ações para sua realidade da sala de aula, o que foi denominado pelo grupo como o concreto real.

Por meio dessa articulação dos estudantes da graduação tanto na organização como na participação dos encontros, estando em contato direto com a escola e os professores iniciantes, assim o projeto se configura como também, um lugar de formação inicial e de reconhecimento da valorização da profissão docente, ao possibilitar a imersão do estudante no espaço pedagógico por meio da interação através desse diálogo entre o sujeito que almeja a profissão e o atuante na área, assim compreendendo os desafios a serem enfrentados na carreira, podendo refletir na sua futura ação e aprender com os relatos e estudos presentes em cada encontro. E podendo observar e analisar a implementação de políticas públicas para a educação e para a



formação de professores, e tendo a possibilidade de identificar quais são as lacunas da formação de professores, e como podem ser supridas.

Além dos encontros na escola, o grupo também propõe aos professores participem de atividades na universidade como debates, seminários e outras ações que estejam ligados com a docência e suas necessidades. Fundado nas percepções dos professores iniciantes, em seus relatos de experiência, nas discussões e aprofundamentos teóricos dos círculos formativos, para Reis (1996) é um importante momento para disseminação do conhecimento produzido e para a sua produção, por se entender que o projeto promove ensino, num espaço de pesquisa, através da extensão, cumprindo o tripé da universidade, numa perspectiva de retroalimentação, na qual a universidade “Produz o saber e forma o aluno simultaneamente e em parceria política-pedagógica com a sociedade e numa dimensão mutuamente oxigenante, unificante e transformante.” (REIS, 1996, p. 41).

Portanto, o projeto de extensão apresentado, tem corroborado com a formação profissional docente, em sua fase inicial e continuada, buscando a transformação mútua da realidade; a valorização da categoria dos professores; a produção científica do conhecimento; a integração entre universidade e sociedade; uma formação menos fragmentada e mais interdisciplinar; entre outros aspectos que nem sempre podem ser previstos, contudo acontecem e contribuem com seus objetivos e para sua reinvenção, para uma evolução constante de seus participantes.

AS CONCEPÇÕES DE EXTENSÃO, SEUS MARCOS HISTÓRICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO

Segundo Reis (1996) a primeira concepção de extensão no Brasil é definida por eventista-inorgânica, que “[...] tem como característica a prestação de serviços ou na realização de eventos, isolados ou desvinculados do contexto ou do processo ensino aprendizagem e de produção de conhecimento da universidade.” (p.41), na qual o conhecimento é disseminado por meio de apresentações culturais, cursos, seminários, também por meio da prestação de serviços, e a universidade é considerada o *locus* do saber e a sociedade como o *locus*



da ignorância. Seu primeiro registro é no ano de 1911/1917 quando, a Universidade Popular Livre de São Paulo passa a ofertar pequenos cursos para a população. E apenas no ano de 1931 é reconhecida e sistematizada pelo Decreto 19.851 de 11/04/1931, como primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras que apresenta como deveriam acontecer as atividades extensionistas apresentado em seu artigo 42, – “A extensão universitária será effectivada por meio de cursos e conferencias de caracter educacional ou utilitario, uns e outros organizados pelos diversos institutos da universidade, com prévia autorização do conselho universitario.”. E essa concepção é ainda mais evidente em seu artigo 109 “A extensão universitária destina-se à diffusão de conhecimentos philosophicos, artisticos, litterarios e scientificos, em beneficio do aperfeiçoamento individual e colectivo.”

Outro momento importante para o entendimento dessa concepção na história é a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932, no qual demonstram que as instituições de nível superior devem cumprir o seu tripé pesquisa, ensino e extensão em que, são respectivamente compreendidos pela sua função investigativa e criadora de ciência, a transmissão do conhecimento por meio do docente e a vulgarização do conhecimento para a sociedade.

E em 1961 no Congresso da Bahia (UNE), Reis (1996) comenta uma evolução da concepção de extensão, de forma que passa a se entender a necessidade de transformação da realidade, e teve maior avanço no ano de 1969 com os campi-avançados e com o Programa Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC), no qual se registra, provavelmente, pela primeira vez como uma ação que perdurasse ao longo de todo o ano, contudo ainda permanecia numa compreensão de prestar serviços, disseminar o conhecimento e a cultura e a sociedade como consumidora do saber produzido no âmbito acadêmico.

Dada essa evolução na concepção eventista-inorgânica segundo Reis (1996) uma nova concepção passa a ser compreendida como processual-orgânica, a qual “[...] tem como característica o desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricados ou inerentes ao processo formativo (ensino) e à produção de conhecimento (pesquisa)” sendo que a sociedade entendida como o



“‘locus’ co-participante na formação profissional e na geração de conhecimento da sociedade”. Se principiando, por volta do ano de 1975, com o Plano de Trabalho de Extensão Universitária, com o conceito de retroalimentação, a universidade e a sociedade se relacionam num processo de mútua ‘alimentação’ do conhecimento. Contudo, de acordo com Síveres (2008), ainda na perspectiva de prestação de serviço, assim definida pela ditadura militar instaurada na época. Diante de todo esse contexto histórico que em 1988 com a retomada da democracia a extensão consta na Constituição como atividade fim da universidade. “Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” Brasil (1988).

Segundo Jezine que “[...] a extensão universitária é redimensionada com ênfase na relação teoria-prática, na perspectiva de uma relação dialógica entre universidade e sociedade, como oportunidade de troca de saberes.” (2008, p.2). Também se faz importante citar que a extensão é um momento prático, a unidade teoria e prática, como defende Curado Silva.

No entanto, para produzir transformação, não é suficiente a atividade teórica, mas é preciso atuar praticamente sobre a realidade. A prática, porém, não se basta a si mesma. Se isto acontece, fica situada passivamente numa atitude acrítica em relação a ela mesma e perde sua capacidade transformadora, tornando-se aderência e, apesar de algumas inovações que possam apresentar na aparência, sua essência é de conservação do real. É na unidade teoria e prática que pode haver uma *práxis* transformadora da realidade. (2017, p. 275)

Logo as atividades dos projetos devem levar esse ponto com seriedade para que não sejam apenas teóricos ou apenas práticos, pois é na práxis que há transformação do real, por haver uma reflexão sobre a prática, logo está muito mais além do que a relação teoria-prática como fora supracitado, por ser uma unidade e não duas coisas distintas em situação de relação. Dentro desse escopo que percebemos que a docência se faz na práxis, por conta de durante a graduação há uma grande apropriação teórica, reflexão sobre a mesma e contato com a prática no estágio supervisionado, e ainda mais durante o projeto de extensão universitária, logo o momento do estágio e da extensão a práxis se faz ainda mais presente e significativa.



Considerações finais

Nessa perspectiva que a extensão universitária numa concepção processual e orgânica é um caminho para que a formação se dê de uma forma menos fragmentada, por compreender que o aluno da graduação precisa estar em contato direto com seu futuro profissional, além do estágio supervisionado, para que ao enfrentar os mesmos desafios, possam estar preparados e munidos do conhecimento necessário para a carreira, para que não venham a desistir. E desta maneira que o projeto de extensão “Círculos Formativos com Professores Iniciantes/Ingressantes” busca contribuir com a formação inicial.

Quanto à formação continuada isso se dá na discussão teórica sobre os temas que lhes são mais pertinentes, dado os problemas enfrentados na sala de aula, seja em metodologia, organização do trabalho pedagógico ou até em políticas públicas, oportunizando sempre o professor a refletir sobre sua prática e a mudá-la a partir das discussões feitas. Assim esse movimento é entendido e caracterizado como práxis.

A importância deste artigo, então é demonstrar como esse movimento prático se faz evidente durante as atividades de extensão do projeto, ao colocar os estudantes da graduação em contato com profissionais em atuação e por fazer com que esses profissionais reflitam sobre sua prática e se apropriem ainda mais da teoria, durante as atividades do projeto, a partir de suas maiores necessidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CURADO SILVA, K. Políticas Públicas na formação de professores e a relação teoria e prática: um debate com Gramsci. In: CUNHA, C. SOUSA, J.V. e SILVA, M. A. **Avaliação de políticas públicas de educação**. Brasília: Linhas Críticas, 2017.

JEZINE, E. **As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. II CBEU – Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte: BH, 2004. In: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/as-praticas-curriculares/as-praticas->



curriculares.pdf

REIS, R. H. dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. **Cadernos UnB Extensão: A universidade construindo saber e cidadania**. Brasília, 1996. In: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>

SANTOS, M. C. P. dos. **O grupo de discussão e os estudos sociológicos em contextos escolares**. Trabalho apresentado no VII Congresso Português de Sociologia de Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008. Disponível em: www.aps.pt/vicongresso/pdfs/228.pdf

SÍVERES, L. A extensão como um princípio de aprendizagem. In: **Revista Diálogos**. Brasília, v. 10, 2008.